

# Associação protege ciclovía do Lago Sul

O ex-presidente Fernando Collor de Mello foi o "responsável" pela criação da Associação dos Amigos da Ciclovía do Lago Sul. Tudo começou quando ele assumiu a Presidência da República e resolveu combater marajás. Colocou uma enorme placa na Península dos Ministros anunciando a venda das mansões funcionais e disse aos quatro cantos e ventos que no local existiam as piores casas do Brasil, por ter abrigado em governo anteriores ministros corruptos. Os demais moradores da península se sentiram ofendidos.

"Foi quando resolvemos nos organizar e combater aquele homem que tinha resolvido nos atacar", contou o presidente da associação, Paulo Castelo Branco. Mas, segundo ele, criar uma entidade que levasse o nome da península seria prato cheio para Collor usar como exemplo da mordomia que imperava em Brasília.

Atualmente, a Associação dos Amigos da Ciclovía do Lago Sul tem 23 sócios, dentre relações públicas, advogados, diplomatas, arquitetos, funcionários públicos e empresários. Entretanto, informalmente, recebe apoio de todos os frequentadores da

ciclovía (principalmente diplomatas que usam o local para cooper) pelas lutas travadas em defesa daquele pedaço de asfalto. "A ciclovía representa a desprivatização do Lago Paranoá, que antes tinha suas margens demarcadas por cercas que abrigavam hortas, piscinas e até heliporto".

**Defesas** — A bandeira empunhada pela Associação dos Amigos da Ciclovía do Lago Sul, com isso passou a ser a proteção do patrimônio conquistado depois de muitas lutas (a ciclovía no Lago Sul tem 11 quilômetros e foi construída pelo ex-governador José Aparecido de Oliveira). Não por vingança, mas talvez por coincidência, duas brigas que a associação travou em defesa da ciclovía e da Península dos Ministros envolveram amigos e parentes do ex-presidente Fernando Collor: o empresário Luiz Estevão de Oliveira e o ex-secretário-geral da Presidência e cunhado de Collor, embaixador Marcos Coimbra.

Na casa do embaixador Marcos Coimbra a luta foi para evitar a derrubada de árvores. "O presidente queria derrubar seis árvores na área verde da residência para construir

um heliporto", contou Paulo Castelo Branco. Representando a associação o advogado chamou a Polícia Florestal e o Ibama que impediu a derrubada. O problema envolvendo o empresário Luiz Estevão de Oliveira foi parar na Justiça. Ele havia colocado uma cerca em volta de toda sua área verde, tendo para si, inclusive, uma praça pública, além de ter prejudicado o crescimento de algumas árvores.

"Pedimos então uma liminar para que Estevão retirasse a cerca, com provas documentais como fotografias e até uma perícia sobre as árvores que foram arrancadas", explicou o presidente da associação. Foi concedida a liminar exigindo a retirada da cerca ou multa de Cr\$ 1 milhão (a preço de 1990) ao dia. "Mas não precisou violência, o Estevão retirou a cerca e recuperou toda a área degradada", completou Paulo Castelo Branco, acrescentando que é amigo pessoal do empresário, assim como de muitas pessoas com quem teve problemas na defesa da ciclovía, "mas também tenho muitos inimigos por ter vestido a camisa da associação", concluiu.